

A INTELIGÊNCIA COLETIVA DA EUROPA NA ERA TRUMP

Por Robert Dover*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A potencial retirada da cooperação e compartilhamento de inteligência dos EUA na Europa destaca a dependência europeia dos EUA, e também as lacunas e o tamanho relativamente pequeno do aparato de inteligência da Europa.

A recente pausa de cessação no compartilhamento de inteligência dos EUA com a Ucrânia criou uma pressão significativa sobre as forças da Ucrânia na região de Kursk. A pausa também marca uma grande mudança na cooperação de inteligência entre EUA e Europa. No curto prazo, tornará as potências europeias mais vulneráveis, mas também pode criar oportunidades para desenvolver capacidades europeias autônomas.

Desde 2014, a inteligência dos EUA tem sido fundamental para a defesa da Ucrânia; efetivamente um pilar na estrutura de defesa da Ucrânia. A inteligência dos EUA tem sustentado iniciativas estratégicas contra a Rússia por meio de extensos fluxos de inteligência eletrônica, via satélite e humana. A pausa – e a potencial perda a longo prazo – desse suporte reduzirá a eficácia da Ucrânia no campo de batalha, destaca a cobertura de inteligência europeia relativamente irregular que terá dificuldade para preencher o vácuo americano e levanta questões importantes e amplas sobre como será o futuro da cooperação de inteligência entre EUA e Europa.

A pausa de inteligência pela administração dos EUA introduziu incerteza nas relações de inteligência transatlânticas que não estavam presentes desde a Segunda Guerra Mundial. Embora os EUA e os parceiros europeus tenham mantido historicamente trocas de inteligência robustas, a pausa recente e a interrupção de longo prazo no relacionamento criarão dúvidas nas mentes dos parceiros europeus sobre até que ponto eles compartilham inteligência e a viabilidade dos centros de fusão de inteligência transatlântica localizados na Europa.

Se os EUA reduzirem sua cooperação de inteligência de forma mais ampla, as consequências para a cooperação europeia em segurança e defesa serão profundas: a segurança transatlântica é inteiramente compartilhada entre os EUA e a UE, incluindo em estruturas de inteligência e comando. Tal deslocamento na cooperação de inteligência introduzirá uma vulnerabilidade de cinco anos à segurança europeia, beneficiando fortemente a Rússia e a China.

CAPACIDADES DE INTELIGÊNCIA DAS POTÊNCIAS EUROPEIAS

As potências europeias possuem ativos de inteligência sofisticados, mas também possuem lacunas críticas em comparação aos EUA. Em inteligência de sinais (SIGINT, *Signals Intelligence*), nações europeias como o Reino Unido, França e Alemanha são participantes capazes. Isso pode ser visto por meio das missões conjuntas RC-135 Rivet Joint da Grã-Bretanha, dos satélites CERES da França e das operações de interceptação de comunicação da Alemanha.

Essas capacidades fornecem inteligência essencial à Aliança, mas não têm o amplo alcance e a capacidade contínua de “tempo real” dos sistemas americanos, que operam em uma escala várias magnitudes maior do que suas contrapartes europeias. Os esforços de SIGINT do Reino Unido, notavelmente, tradicionalmente dependem muito da tecnologia e colaboração dos EUA, tornando um desacoplamento abrangente neste conjunto de atividades de inteligência particularmente desafiador.

As capacidades de inteligência humana (HUMINT, *Human Intelligence*) na Europa – particularmente no MI6 do Reino Unido, no DGSE da França e no BND da Alemanha – são bem formadas e têm uma longa história de operações capazes e significativas na Rússia, Ucrânia e países terceiros, como China e Irã. No entanto, apesar desses pontos fortes, as redes HUMINT da Europa funcionam essencialmente em uma triangulação com operações HUMINT americanas em larga escala. Se os americanos retiverem o acesso ao seu *feed* HUMINT, os próprios esforços HUMINT da Europa serão diminuídos e levará muitos anos e recursos significativos para ampliá-los para preencher a lacuna neste tipo de inteligência criada pela retirada americana.

Imagens de satélite e inteligência de reconhecimento (IMINT, *Imagery Intelligence*) representam um domínio onde a Europa demonstrou força notável, especialmente por meio dos sofisticados satélites Helios e CSO da França e das capacidades de imagens de radar de satélite da Alemanha e da Itália. No entanto, a Europa carece de sistemas de alerta precoce infravermelho baseados em satélite

essenciais para detecção de mísseis – uma capacidade crítica atualmente monopolizada pelos EUA.

O Centro de Satélites da Europa (SatCen) fornece uma estrutura de coordenação útil, mas limitada, destacando tanto o potencial quanto as restrições enfrentadas pela integração de inteligência europeia. Os europeus poderiam colaborar efetivamente para escalar rapidamente uma alternativa ao sistema Starlink de Elon Musk. O Starlink tem sido muito útil para a defesa da Ucrânia e a certeza do fornecimento tem sido questionada desde a discussão pública de Musk com o governo polonês.

Dadas as novas realidades de inteligência na Europa, o conceito de um Serviço de Inteligência Coletivo Europeu é tão oportuno e relevante quanto as conversas sobre aquisição militar conjunta e uma forma de forças armadas europeias. Uma agência de inteligência coletiva – se devidamente financiada e com apoio político coletivo – poderia reduzir a dependência da Europa da inteligência dos EUA e as incertezas presentes atualmente.

Desenvolver um Serviço de Inteligência Coletivo Europeu será desafiador. Compromissos financeiros e políticos significativos serão necessários para fechar a lacuna tecnológica, particularmente em análise de inteligência em tempo real e capacidades de processamento de dados orientadas por IA. Os maiores desafios existem no reino político, onde longas histórias de desconfiança no campo político, legal e de compartilhamento de dados precisariam ser superadas rapidamente para que esse serviço coletivo funcionasse.

A perspectiva de sucesso nesses esforços dependerá de se os EUA efetivamente se retirarem de seus compromissos com a OTAN. A coordenação de inteligência (e segurança) sem as estruturas dos EUA ou da OTAN, como câmaras de compensação e estruturas, exige o tipo de coesão política europeia e confiança mútua, que eles não conseguiram montar antes.

A potencial retirada da cooperação e compartilhamento de inteligência dos EUA na Ucrânia e na Europa destaca a dependência do continente dos EUA, e também as lacunas e o tamanho relativamente pequeno do aparato de inteligência da Europa. Desenvolver a independência da inteligência europeia requer um grande compromisso financeiro, mudanças nas leis e regulamentos, cooperação e confiança política, e coordenação da indústria e academia europeias. Se esses desafios forem superados, talvez sejam os EUA a perder a influência de que desfrutaram sobre a Europa nos 80 anos anteriores.

Publicado na [Anadolu](https://www.anadolu.com.tr).

**Robert Dover é reitor executivo da Faculdade de Negócios, Direito e Política e professor de Segurança e Inteligência na Universidade de Hull.*
